



REVES - Revista Relações Sociais (eISSN 2595-4490)

Cemitério de Anjinhos: um arranjo possível para a aproximação com o sagrado

Anjinhos Cemetery: a possible arrangement for approximation to the sacred

Antonio Renaldo Gomes Pereira

<https://orcid.org/0000-0003-4832-8825>

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

renaldogomes@live.com

Antonio George Lopes Paulino

<https://orcid.org/0000-0002-9287-1801>

Universidade Federal do Ceará, Brasil

aglpaulino@ufc.br

Article Info:

Article history: Received 2024-02-04

Accepted 2024-05-01

Available online 2024-05-01

doi: 10.18540/revesv17iss1pp18745



Resumo. O artigo trata do Cemitério de Anjinhos de Vereda Funda e da ação dos vivos para aproximarem os mortos ao sagrado. A metodologia empregada no estudo é de natureza qualitativa e antropológica, consistindo no exercício da observação, análise e interpretação das asserções de interlocutores, bem como do material que acessamos em documentos, fontes secundárias, teóricas e, ainda, em memórias que se formaram a partir do nosso contato com a cultura do sagrado em territórios cearenses. Os resultados encontrados informam que o agenciamento parte dos pais e familiares dos mortos. Seguindo um dos tabus da Igreja que proibia o enterramento de indivíduos não-batizados em campo santo, instituem um local para sepultamentos no qual são inseridos objetos e símbolos que remetem ao sagrado religioso, com intuito de possibilitar a salvação aos seus filhos falecidos. Esse cemitério é marcado pela presença de pequenos túmulos decorados com elementos infantis, flores coloridas e santos católicos. Assim, o Cemitério de Anjinhos de Vereda Funda, situado em São Gonçalo do Amarante, Ceará, apresenta-se como espaço sagrado instituído por populares a fim de aproximar as crianças mortas ao divino.

Palavras-chave: Religiosidade. Batismo. Morte. Cemitério.

Abstract. The article deals with the Cemitério de Anjinhos de Vereda Funda and the action of the living to bring the dead closer to the sacred. The methodology used in the study is qualitative and anthropological in nature, consisting of the exercise of observation, analysis and interpretation of statements made by interlocutors, as well as the material we accessed in documents, secondary and theoretical sources and, also, in memories that were formed from of our contact with the culture of the sacred in Ceará territories. The results found inform that the agency comes from the parents

and relatives of the dead. Following one of the Church's taboos that prohibited the burial of unbaptized individuals in Campo Santo, they established a place for burials in which objects and symbols that refer to religious sacredness are inserted, with the aim of enabling salvation for their deceased children. This cemetery is marked by the presence of small tombs decorated with children's elements, colorful flowers and Catholic saints. Thus, the Anjinhos de Vereda Funda Cemetery, located in São Gonçalo do Amarante, Ceará, presents itself as a sacred space established by people in order to bring dead children closer to the divine.

Keywords: Religiosity. Baptism. Death. Cemetery.

1. Introdução

Os cemitérios de anjinhos são locais especiais destinados à sepultura de bebês e crianças que faleceram precocemente. Esses espaços são carregados de simbolismo e representam uma importante forma de ritualização do luto, permitindo que os pais e familiares possam elaborar o sofrimento e homenagear seus entes queridos.

Entendendo que os cemitérios de anjinhos possuem uma história e uma importância cultural e social que merecem ser estudadas e compreendidas, apresentamos o Cemitério de Anjinhos de Vereda Funda, situado no distrito de Cágado, São Gonçalo do Amarante, Ceará, para ilustrar o quadro em que se desenha uma tentativa de aproximação das crianças falecidas sem o sacramento do batismo ao sagrado instituído pela Igreja.

A morte de uma criança é uma experiência dolorosa para qualquer família. No entanto, em algumas culturas, existe um tabu em torno da morte de crianças não-batizadas. Essa prática pode ter raízes religiosas ou culturais e afetar a forma como a morte da criança é vista pela comunidade e pelos pais enlutados. Esse tabu que decorre de uma proibição oficial alça seus contornos mais espontaneamente no catolicismo popular, onde alcança uma fé fluída, que navega sem culpa pelos domínios da antiga pajelança e da macumba, que depois se denomina umbanda.

E é assim que Mãe Maria Toinha, filha dos antigamentes¹, vida traçada nos caminhos da “pré-umbanda cearense”, personagem da vida real, narra em *A Mística dos Encantados*, um episódio. Em suas andanças pelo litoral ao encontro da encantaria, faz pouso com seu marido na casa de João de Lira e Zabel. Certa noite, um choro persistente é ouvido sob o cajueiro do terreiro de casa. Maria e Chico Toinha logo entendem que se trata do choro de um pagão a precisar de batismo e seguir na luz virando anjo. Zabel, que tanto varria a sombra do cajueiro a zelar pela morada do menino ali sepultado, aliviou-se. Seu menino não estava no campo santo, mas sua alma recebeu socorro e um nome. Com vela branca e água benta, Chico Toinha batizou “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” a alma de onde saía aquele choro invisível, com o nome de João. E o choro foi cessando (Santos; Santos, 2020, pp. 107-113).

Lá pelos anos 1970, em Mombaça, Sertão Central do Ceará, tivemos oportunidade de testemunhar um batizado feito às pressas e de improviso, orientado

¹ A expressão “filha dos antigamentes” é uma característica do modo como Maria Toinha se refere às suas origens no universo da Umbanda, em alusão a uma Umbanda interiorana e anterior à institucionalização dessa religião em uniões e federações surgidas com a finalidade de defesa dos umbandistas em face da perseguição policial.

pela crença popular, em socorro de um recém-nascido o qual dava sinais de que não resistiria à doença. De nossa casa, partiu a genitora em direção à casa da aflita vizinha, munida de vela branca e palavras de fé e batizou o menino “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. A criança não morreu e nem teria morrido pagã, pois para quase tudo se tem um jeito, como se diz na cultura sertaneja que contextualiza o quadro descrito.

Na literatura e na oralidade esse tabu em torno da morte da criança não batizada está presente na religiosidade popular e é uma das variadas situações em que se agenciam crenças e ritos na gestão da passagem do mundo dos vivos para o mundo dos mortos. No caso específico dos cemitérios de anjinhos, há que se considerar tratar-se de um fenômeno comum no Nordeste do Brasil, região em que até os anos 1980 e parte dos anos 90 a mortalidade infantil era elevada, com óbitos frequentes em decorrência de diarreia e desnutrição. Em certos casos, o cemitério de anjinhos forma-se a partir do sepultamento de um corpo adulto cujas condições de morte não permitiram o enterro digno em campo santo oficial. É também característica de um quadro assim, que sofrimentos típicos de uma morte ruim que culminou no enterro do corpo no local do falecimento dignifique o morto com o *status* de alma santa e milagrosa. Certamente, um bom chão para acolher os inocentes pagãos.

O Cemitério da Cruzinha, localizado em Mombaça, na estrada entre esse município e o de Tauá, na fronteira entre o Sertão Central e o Sertão dos Inhamuns, tem essa característica. Ali foi enterrado o corpo de uma mulher escravizada conhecida por “Nega Dionísia”, num lugar denominado Sítio Macacos, onde seus donos a largaram sem nenhum amparo, incomodados com os ferimentos que Dionísia levava em sua pele, supostamente ao final do século XVIII. Vagando como louca, portadora de poderes de cura, rezava em pessoas doentes. Alimentava-se de raízes e frutas silvestres. Morreu a esmo. Seu corpo foi sepultado onde os urubus o encontraram, embora estranhamente exalando cheiro de flor. De louca passou a ser venerada como santa. E ali onde começou a afluir pagadores de promessas, tornou-se também um campo santo para o enterro de crianças pagãs. Estas informações encontram-se no artigo *Negra, louca e venerada*, publicado na série *Santificados II*, no jornal *O Povo*, em 14 de maio de 2011 (Negra, 2011), bem como menção ao fato de que nos anos 1910, Dom Manuel da Silva Gomes, arcebispo do Ceará, teria ido a Mombaça atacar o culto à santa negra e que teria vandalizado o cemitério. Ainda assim, as romarias ao lugar não teriam cessado, embora se especule que não têm a mesma força de antigamente.

Atentos à extensão da presença de “cemitérios de anjinhos” no sertão cearense, em 2012, em visita a parentes, conhecemos as “Cruzinhas”, nome popular dado ao cemitério que se formou após o falecimento, no local e há muitas décadas, de um proprietário de terras conhecido como Chico Fortunato, cujo nome civil é Francisco da Costa Vieira, pai de Manuel Costa Sobrinho, o Bidel, ex-tabelião da cidade. O cemitério das Cruzinhas fica situado no distrito de Açudinho, também em Mombaça.

Para este artigo, não é nossa intenção mapear casos desse tipo. Mas como entrada à discussão aqui proposta, saber da ampla distribuição do fenômeno reforça a hipótese de que tratamos de um traço da cultura e da religiosidade popular de expressiva difusão, notadamente em territorialidades nordestinas tão marcadas pelo drama da mortalidade infantil, temida geradora de anjinhos. Diante das regras de disciplinamento social e religioso que, historicamente, conduziram o poder da igreja católica para determinar quem pode e quem não pode ter o corpo morto enterrado em campo santo oficial, o catolicismo popular, dono de suas próprias regras, agencia

soluções. Toma por bem sepultar anjinhos em lugares santificados pela fé do povo nas almas milagrosas.

Foi assim que se formou o cemitério de anjinhos onde está edificado o santuário conhecido como Cruz de Inês, no distrito de Salgado, em Varjota, Ceará. Inês morreu de lepra e, na calada da noite, foi sepultada por seu esposo, por tratar-se de uma morte socialmente desprezível, mas que paradoxalmente transforma a morta em mártir e milagreira. Ali, segundo a oralidade, também sepultaram anjinhos e esse campo popularmente santificado é também um cemitério de anjinhos, hoje não mais a olhos vistos, pois no local construiu-se a capela para onde acorrem as romarias (Guimarães; Lopes; Santos; Moraes Filho, 2023). Todavia, a olhos vistos, no mesmo município de Varjota, há também a Cruz da Nega, “local de sepultamento de uma senhora africana que morreu de inanição após ter se perdido [...] a caminho da serra da Ibiapaba, em busca de emprego. A senhora ali mesmo morreu e foi sepultada no mesmo lugar, dando origem a um cemitério de crianças pagãs ou conhecido Cemitério de Anjinhos (Guimarães; Lopes; Santos; Moraes Filho, 2023, pp. 7-8).

Temos, portanto, que o que se conhece por cemitério de anjinhos é o espaço onde crianças mortas antes do batismo têm seu corpo acolhido pela terra. Mas o que significa a palavra anjo, ou seu diminutivo anjinho, nesse contexto? Esta pergunta é abordada em Santos (2022, p. 40): “quando falamos sobre a morte e os mortos, o que podemos chamar de anjos? [...]. E como estão presentes na vida das pessoas? Os anjos são crianças mortas”. O autor informa ainda: “no passado, as crianças batizadas e mortas até completarem os sete anos eram chamadas de anjos e anjinhos”.

Nesta citação observamos que a definição proposta pelo autor citado acima imprime exclusividade da condição angelical para crianças batizadas, tal qual a normativa da Igreja Católica determinava. Então, seguimos com mais uma pergunta: por que os cemitérios de pagãos são chamados de cemitérios de anjinhos, se por princípio, pagãos não são anjos? Arriscamos na hipótese de que os cemitérios de pagãos são o recurso de agência dos desamparados pelas estruturas formais que controlam o credo, mas amparados pela própria fé, que se lança em cena como ato de uma antiestrutura, fazendo a terra acolher o corpo inocente que, sem culpa por não ter recebido as águas do batismo, precisa de uma aproximação ao sagrado e, na fé popular, merece o nome de anjo, de anjinho. A terra que lhe acolhe é, portanto, legitimada como um cemitério de anjinhos. Essa aproximação se complementa com o ritual do batismo simbólico, realizado após a morte ou até mesmo após o enterro. A criança morta, para que não traga ao mundo dos vivos o choro dos pagãos, precisa receber o batismo “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, mas, diferentemente do que diz a definição proposta por Santos (2022), já era concebida como anjinho.

Novamente nos chega à mente a imagem do sertão central cearense, onde a mortalidade infantil era alarmante nos idos dos anos 1970. E onde, diversas vezes, vimos o pequeno cortejo rumo ao enterro de um anjinho, um corpo infantil acomodado num pequeno caixão aberto, revestido de cetim “azul caixão de anjo” ou branco, enfeitado com flores que, normalmente, mulheres da família e da vizinhança da criança morta pediam nas casas da cidade que tinham jardim, juntando-as em uma bacia, de porta em porta. Seriam anjinhos batizados na igreja ou pagãos? Não sabemos, mas eram todos anjinhos.

Considerando a importância desse aspecto da religiosidade cearense, este artigo tem como objetivo explorar as preocupações dos vivos em torno da morte de crianças não-batizadas e discutir suas implicações. Para tanto, realizamos uma pesquisa de campo com intuito de observar o cemitério de anjinhos e compreender

como se deu a construção do local e sua transformação em espaço consagrado às crianças mortas em Vereda Funda, São Gonçalo do Amarante. As informações foram apreendidas a partir da incursão em campo em duas visitas de um dia cada. Neste interim, realizamos entrevistas semiestruturadas com moradores e mães de anjinhos inumados no espaço cemiterial reservado às crianças mortas. Buscamos pessoas conhecedoras das atividades rituais desenvolvidas para e em razão das crianças falecidas e sepultadas no local. As entrevistas foram registradas em áudio e transcritas, posteriormente.

Em síntese, podemos afirmar que a metodologia empregada no estudo é de natureza qualitativa e antropológica, consistindo no exercício da observação, análise e interpretação das asserções de interlocutores, bem como do material que acessamos em documentos, fontes secundárias, teóricas e, ainda, em memórias que se formaram a partir do nosso contato com a cultura do sagrado em territórios cearenses, lembranças que também nos fornecem material para descrição e interpretação de dados empíricos e teóricos.

Assim, parte dos dados apresentados neste artigo tem sido produzida na pesquisa em curso realizada junto aos moradores de São Gonçalo do Amarante para a construção de uma tese de doutorado em Antropologia, intitulada *Os mortos em vida e na vida*; autoria de Antonio Renaldo Gomes Pereira. Também contamos com dados do estudo *Santos do Povo na religiosidade cearense: mapeamento e descrição de territorialidades devocionais*, realizado em 2022/23, coordenado por George Paulino, cujos resultados nos levaram também a conhecer a existência de “cemitérios de anjos” associada a espaços de devoção originados em processos de santificação popular, em diferentes contextos históricos. Interpretamos os dados à luz de aportes teóricos da Sociologia e da Antropologia da Religião.

Para melhor compreensão das questões apresentadas, o texto está dividido em duas seções e as considerações finais. A primeira seção traz uma apresentação do lugar onde o cemitério se situa, apontando alguns traços da religiosidade e dos tabus que se normatizam no seio social. Na segunda seção, os anjinhos entram em cena; delineamos a constituição do personagem e das tentativas de sacralização do espaço instituído pelos populares para aproximar os anjinhos ao sagrado. Nas considerações finais, retomamos as discussões levantadas e os resultados da pesquisa.

2. São Gonçalo do Amarante

São Gonçalo do Amarante é um município brasileiro do estado do Ceará, situado na região metropolitana de Fortaleza. Conta com uma área territorial de 842.635 km² que se estende do litoral ao sertão e uma população de 54.143 habitantes, segundo o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022). São Gonçalo do Amarante é um importante polo econômico do estado, com destaque para a indústria e logística (IBGE, 2022).

2.1. A religiosidade e a morte

A religiosidade é uma dimensão importante da vida humana, um suporte capaz de proporcionar conforto e significado para as pessoas, principalmente em momentos de crise, como a morte. No município de São Gonçalo do Amarante, a religiosidade é uma parte fundamental da cultura local, especialmente no que diz respeito aos ritos funerários. Neste texto, iremos discutir como a religiosidade é vivenciada pelas pessoas em relação à morte neste município e como ela influencia o processo de luto.

O município se desenvolve aos arredores de uma capelinha construída em homenagem a São Gonçalo, no início do século XX, dando nome a pequena

povoação, e em algumas décadas deu nome ao município em que estava situado, assumindo a posição de centro político-administrativo. Neste contexto, a religião sempre se apresentou como uma das fortalezas do local. Assim, a religiosidade está vinculada, principalmente, ao catolicismo, com a Igreja Católica desempenhando um papel importante na vida das pessoas. Durante os funerais, a igreja é, geralmente, o lugar escolhido para a celebração da missa de corpo presente, que é uma parte importante do rito funerário. Além disso, é comum que as famílias encomendem missas para seus entes queridos falecidos, que são realizadas na igreja local. Pensando na religião dominante, o município possui três paróquias, são elas: São Gonçalo do Amarante (sede), Pecém e Croatá, distritos municipais.

A religiosidade também se manifesta em outros aspectos do rito funerário em São Gonçalo do Amarante. É comum que as pessoas usem roupas escuras e sejam respeitadas durante o velório. O uso de velas e flores é uma parte importante do processo em que a pessoa falecida é colocada em um caixão adornado com tais objetos compondo a cena fúnebre.

A religiosidade desempenha um papel importante no processo de luto em São Gonçalo do Amarante. A crença na vida e na existência de um lugar melhor após a morte pode ajudar as pessoas a encontrarem conforto e paz em momentos difíceis. Além disso, a religiosidade pode fornecer um senso de comunidade e apoio durante o processo de luto. As missas encomendadas podem ajudar a lembrar as pessoas da vida e das boas ações da pessoa falecida, enquanto a comunidade religiosa pode oferecer apoio emocional e prático durante o processo de luto. Entender a importância da religiosidade na vida da comunidade de fé em São Gonçalo do Amarante é essencial para fornecer suporte adequado às pessoas que estão passando pelo processo de luto, e para respeitar e honrar as tradições e crenças locais.

Desde que a humanidade deu os primeiros passos na construção de sentidos relacionados ao simbolismo, a morte tornou-se um dos fenômenos mais importantes para o homem (Neves, 2013). Enterrar seus mortos e prestar-lhes os devidos votos ocupa parte do tempo das sociedades que produzem rituais cada dia mais elaborados, a fim de atender às demandas de um *post mortem* que se formatam à medida que as crenças os constroem.

Tanto na elaboração do *post mortem* como nos preceitos que o regem, permitindo acesso ou não aos espaços situados no Além, as religiões ganham autoridade normatizando, desde o mundo dos vivos ao mundo dos mortos, e distribuindo funções e possibilidades para seus seguidores.

Para um católico que realizou os sacramentos, o destino *post mortem* está, em certa medida, assegurado. No mundo visível, seu sepultamento, por exemplo, tem local sagrado próprio para receber o corpo inerte. Nesse espaço, os votos relativos ao encaminhamento da alma ao destino final são entregues. Ele guarda a memória dos que partiram, com ressalvas, obviamente. Nosso esforço, no entanto, reside em compreender como se dão as relações entre vivos e mortos, quando esses são recém-nascidos ou não nascidos, em um contexto de limitações e proibições religiosas.

2.2. Tabus em torno da morte infantil

A morte de uma criança não-batizada pode ser vista como uma tragédia ainda maior do que a morte de uma criança batizada. Isso ocorre porque se acredita que a criança não-batizada não será capaz de entrar no céu ou alcançar a vida eterna. Essa crença pode ser baseada em ensinamentos religiosos que afirmam que o batismo é necessário para a salvação ou em tradições culturais que associam o batismo à entrada na comunidade religiosa ou étnica.

Os tabus em torno da morte de crianças não-batizadas têm implicações graves tanto para os pais enlutados como para a comunidade, no caso apresentado. A falta do batismo resulta das condições que levam a criança a óbito e do acesso à realização dos sacramentos em razão da distância entre a paróquia e a comunidade rural. Assim, não cumprir o sacramento basilar para a salvação do indivíduo como cristão escapa das possibilidades dos pais e da comunidade que, no intuito de livrar-se da perdição, elabora meios que possam permitir a aproximação entre seus mortos e o sagrado. Longe dessa hipótese, os casos de crianças falecidas nos primeiros dias de vida, das crianças não-nascidas ou mesmo daquelas que são resultado de aborto espontâneo. Nas situações que aqui nos interessam, os laços afetivos entre elas e os pais já têm se efetivado, entendendo-as como membros de suas famílias e sociedade.

Embora os tabus em torno da morte de crianças não-batizadas possam ter raízes religiosas ou culturais, é importante entender essas crenças e práticas. Em diversas religiões, acredita-se que Deus é amoroso e misericordioso e que a salvação não é determinada apenas pelo batismo, mas também pelo caráter e ações da pessoa. Além disso, pelo que observamos em campo, é importante lembrar que a morte de uma criança é uma tragédia independentemente de sua religião ou *status* de batismo.

A religião é uma das principais razões por trás da proibição de determinados enterros em cemitérios. A privação de enterramentos em cemitérios de pessoas falecidas por razões religiosas é um tema complexo e controverso. Em algumas culturas, a morte é vista como um momento de passagem (Pereira, 2020; Van Gennep, 2012), e a forma como os mortos são tratados é considerada essencial para garantir sua paz eterna (Espírito Santo, 1990).

3. Os Anjinhos

A perda de um ente querido é uma das experiências mais dolorosas que alguém pode enfrentar, especialmente quando se trata da morte de uma criança. A ideia de que crianças se tornam anjos após a morte é um conceito comum e reconfortante para muitas pessoas.

Outro dia conversamos através do app *WhatsApp* com o memorialista Osmar Lucena Filho, residente no Sertão Central do Ceará, da cidade de Piquet Carneiro, onde ocorreu o maior desastre ferroviário deste estado, aos 17 de dezembro de 1951 (Maior Acidente, 2021). O local da tragédia manchou-se do sangue da sofrida gente sertaneja que viajava nos vagões de segunda classe. Entre destroços retorcidos, mortos e feridos experimentaram o sofrimento que ao bom cristão é ensinado como trilha de redenção. Aquele chão tornou-se sagrado, lugar de devoção, de prece, de pagar promessas às santas almas da virada do trem. Diz-nos nosso interlocutor que o fato histórico ganhou morada nas práticas do catolicismo popular, havendo destaque na cidade para a devoção às almas. Ele acrescenta como atributo da sacralização o fato de que muitas crianças inocentes foram vitimadas no descarrilamento do trem. Há um cruzeiro no local, lugar para onde se dirigem devotos, mormente às segundas-feiras, dia das almas, para fazerem suas preces, acender velas, agradecer e pedir. Testemunhamos cenas do tipo na companhia de parentes devotas nos anos 1970 e 80. Essas memórias permanecem em nosso pensamento como imagens que também iluminam o exercício de descrição e interpretação nesse estudo, no sentido de corroborar que aqui tratamos de um fenômeno cuja extensão, no passado e no presente, alcança diversos territórios.

A crença em anjinhos pode ser compreendida como um desdobramento da fé em almas benfazejas, sensibilizadas pelo sofrimento, perdoadas no martírio, elevadas a intercessoras entre os devotos e os poderes divinos. Esse padrão devocional tem

chão fértil no sertão nordestino, onde o catolicismo popular foi realçado pela presença de casas de caridade, santas missões e irmandades de penitentes, seguidores do Padre Ibiapina e, posteriormente, do Padre Cícero (Campos, 2008). A influência dessa atmosfera em que se marca o exercício da fé pela relação votiva de sacrifício estende-se ao Sertão Central. E ali bem perto de Piquet Carneiro, antes da virada do trem em 1951, já se firmava uma memória da devoção às almas de retirantes mortos e enterrados no Campo de Concentração do Patu, construído durante a seca de 1932 em Senador Pompeu, época da construção da Barragem do Patu, sendo que a esses mortos a fé popular deu a alcunha de “santas almas da Barragem” (Martins, 2017).

A crença em anjinhos falecidos tem raízes na religião cristã. Segundo a tradição cristã, anjos são seres celestiais que servem a Deus e ajudam a guiar as pessoas em suas vidas. A ideia de que as crianças mortas se tornam anjos pode ter sido uma forma de confortar aqueles que sofriam com a perda de um filho ou filha. É um costume que pode ter relação com as devoções aos *Santos Inocentes*, em Portugal (Cascudo, 2011, p. 187), devoção que se desdobra do catolicismo popular para religiões afro-brasileiras, e que certamente ganha arranjos específicos na realidade de famílias sertanejas e interioranas no Nordeste assolado pela seca, ausência, incipiência ou inadequação de políticas de convivência com o semiárido, marcadas pela dor da fome e pela perda de inocentes abatidos de desnutrição e diarreia, população expressiva nos cemitérios de anjinhos. Todavia, nem sempre lembrados pela dor, os anjinhos também são festejados com rezas e banquetes:

No meu tempo de sertão não havia mostras religiosas exteriores, exceto dois Padre-Nossos e três Ave-Marias rezadas pelas velhas donas menos às vítimas do Rei Herodes que aos ‘Anjos’, falecidos ‘antes da idade da razão’, incluídos na polifonia celestial. Decorrentemente ocorreu nas populações vizinhas, idênticas em sangue, mentalidade, índice cultural. Faziam-na em Guarabira, Fortaleza, Parnaíba, Tutoia. Não seria oblação seguida, mas “Promessa” à Nossa Senhora da Conceição, outra invocação e possivelmente aos próprios *Santos Inocentes*, patronos infantis, com a *Anjo da Guarda*, face imutavelmente juvenil e louçã. Lentamente os *Santos Inocentes*, com bem pouca representação plástica, diluíram-se como centro intencional rogatório. A refeição é que restou articulada à outra entidade celícola, sempre no intuito de alegrar crianças numa compensação ideal ao martírio sofrido na Judeia. Festa privada sem nenhuma intervenção sacerdotal. As crianças não oram nem cantam. Comem, bebem refrescos. Brincam depois [...] (Cascudo, 2011, p. 186).

A crença nos *Santos Inocentes* parece ter fertilizado a imaginação popular para elaborar o entendimento sobre a morte de pequenos. A perda de uma criança é uma experiência traumática e pode deixar os pais e familiares sentindo uma dor insuportável. A crença em anjinhos falecidos pode ser uma forma de lidar com essa dor. Esse entendimento inclui, em determinados casos, a oferta de presentes materiais a esses seres espirituais. E assim, a ideia de que a criança morta se torna um anjo pode ajudar a pessoa a se sentir mais próxima do ente querido e acreditar que ele ou ela ainda está presente em sua vida, de alguma forma.

O município de São Gonçalo do Amarante abriga outros dois cemitérios de anjinhos, um em Espinhos (sertão) e outro em Siupé (litoral). Conforme relatado por Antonia Maria, uma interlocutora², havia um cemitério de anjinhos em Salgado dos Moreira (sertão) até pouco tempo atrás. No início de 2023, o local foi terraplanado

² Como informamos na Introdução, parte dos dados apresentados neste texto são um recorte da pesquisa em curso realizada junto aos moradores de São Gonçalo do Amarante para a construção de uma tese de doutorado em Antropologia, que tem como título: *Os mortos em vida e na vida*.

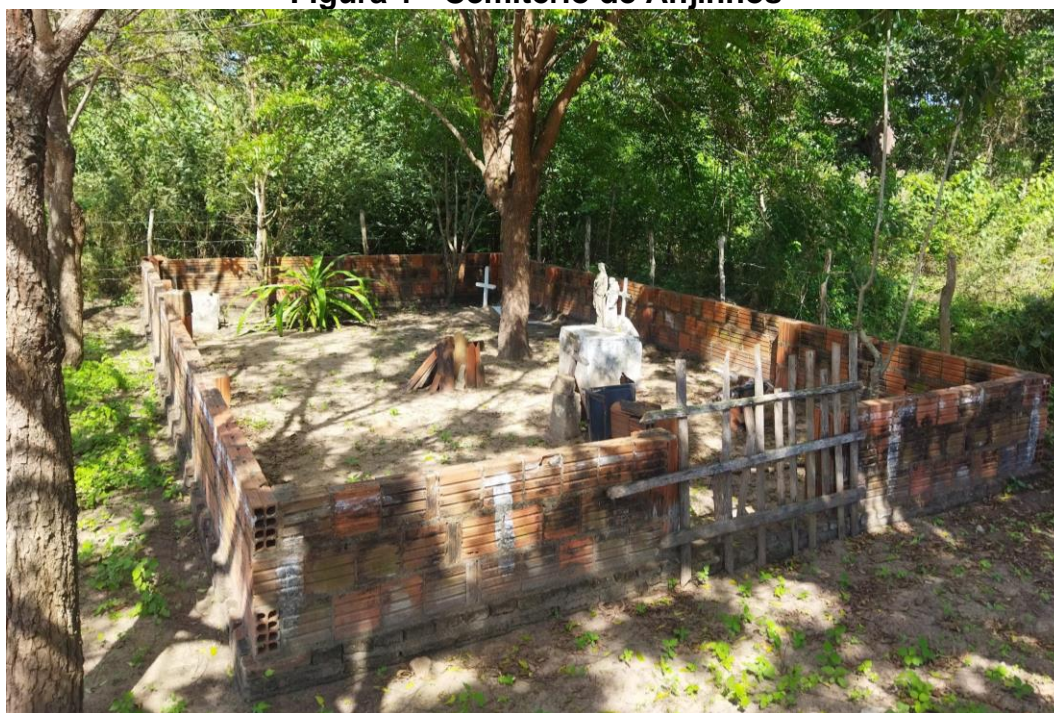
para a construção de residências. Apesar dos avanços e transformações ocasionadas pela urbanização, esses espaços ainda marcam as cenas e o cotidiano de pessoas que têm seus entes queridos em repouso sob seu solo. Do sertão ao litoral, os cemitérios de anjinhos cumprem seu papel na fé popular.

3.1. O Cemitério de Anjinhos

O Cemitério de Anjinhos de Vereda Funda guarda memórias permeadas por sentimentos que pairam entre amor e dor, alento e desalento, compromisso e desincumbência, emoção e reflexão compreendidos nos indivíduos que em algum momento de suas existências depositaram lá o corpo inerte de seus filhos ou parentes. Como anunciado pelo nome e pela função a que se detém, o espaço destina-se ao sepultamento de crianças que morreram precocemente, nos primeiros dias ou meses de vida e os não-nascidos.

Dona Francisca, 54 anos, moradora de Vereda Funda, nos conta que “tinha nada aí não, era só a encruzilhada mesmo, aí os mais velhos pediram pra enterrar”. Agora, “*tem é morto enterrado aí. Tem uns quinze*”. Atualmente, há treze marcadores de locais de inumação, entre estruturas em alvenaria, cruzes levantadas e montículos de seixos marcando os locais de enterramento. Considerando a fragilidade dos marcadores e o desgaste em relação ao tempo de existência do cemitério, acreditamos que o número de anjinhos sepultados no local seja superior aos quinze apontados pela interlocutora. No ano de 2022, Angelina, uma das moradoras de Vereda Funda, “*enterrou seu filho*” ali. O enterramento recente revela que o pequeno espaço encontra-se ativo e continua recebendo novos sepultamentos, apesar da facilidade de se realizarem inumações em outros cemitérios do município.

Figura 1 - Cemitério de Anjinhos



Fonte: Arquivo do pesquisador (2022).

A origem desses cemitérios remonta ao século XIX, quando houve uma mudança na forma como a sociedade passou a lidar com a morte de crianças. Antes desse período, os corpos dos pequenos eram enterrados nos mesmos locais que os dos adultos, sem muitas distinções. Para alguns, um cemitério de anjinhos se define

como um lugar triste e doloroso, que remete a uma perda irreparável. Para outros, é uma forma de honrar a memória dos pequenos, oferecendo um local específico para a sua despedida. Nesse sentido, é importante destacar que a formação e sacralização de cemitérios de anjinhos não tem a intenção de perpetuar a tristeza, mas sim de oferecer um espaço para a reflexão e para a homenagem, além de, obviamente, cumprir um ato sanitário.

É fundamental que a sociedade aprenda a lidar de forma responsável e sensível com a morte, especialmente quando se trata da morte de crianças. Os cemitérios de anjinhos podem ser um passo importante nesse sentido, ajudando a quebrar o tabu da morte infantil e oferecendo um espaço para que as famílias possam elaborar o luto e prestar as últimas homenagens aos seus pequenos.

O Cemitério de Anjinhos de Vereda Funda constitui-se como ambiente sagrado próprio para o sepultamento das crianças falecidas na localidade. O espaço é instituído com a finalidade de oferecer resguardo aos restos mortais de crianças que morreram sem passar pelo ritual do batismo cristão. O lugar sagrado oferece aos anjinhos a possibilidade de obter a salvação oferecida aos cristãos. *“Quando é dia de finado, todo mundo arruma”. “É nós mesmo! [As pessoas do bairro] se junta e limpa”*, diz Dona Francisca.

A sacralização do local para a realização dos enterramentos ocorreu por iniciativa dos habitantes na tentativa de oferecer aos seus filhos mortos a possibilidade de se conectarem com o divino no Além, dadas também as condições de moradores da zona rural, distantes, portanto, do cemitério urbano. Diferentemente de outros casos mencionados na introdução deste artigo, o caso do Cemitério de Anjinhos de Vereda Funda não tem origem em espaço previamente sacralizado pelo sepultamento de algum mártir ou vítima de sofrimento mortal, que posteriormente se torna alma milagreira, traços comuns em outros casos aqui citados. Em Vereda Funda o cemitério de anjinhos constitui-se ao mesmo tempo como arranjo da religiosidade e das condições materiais da comunidade.

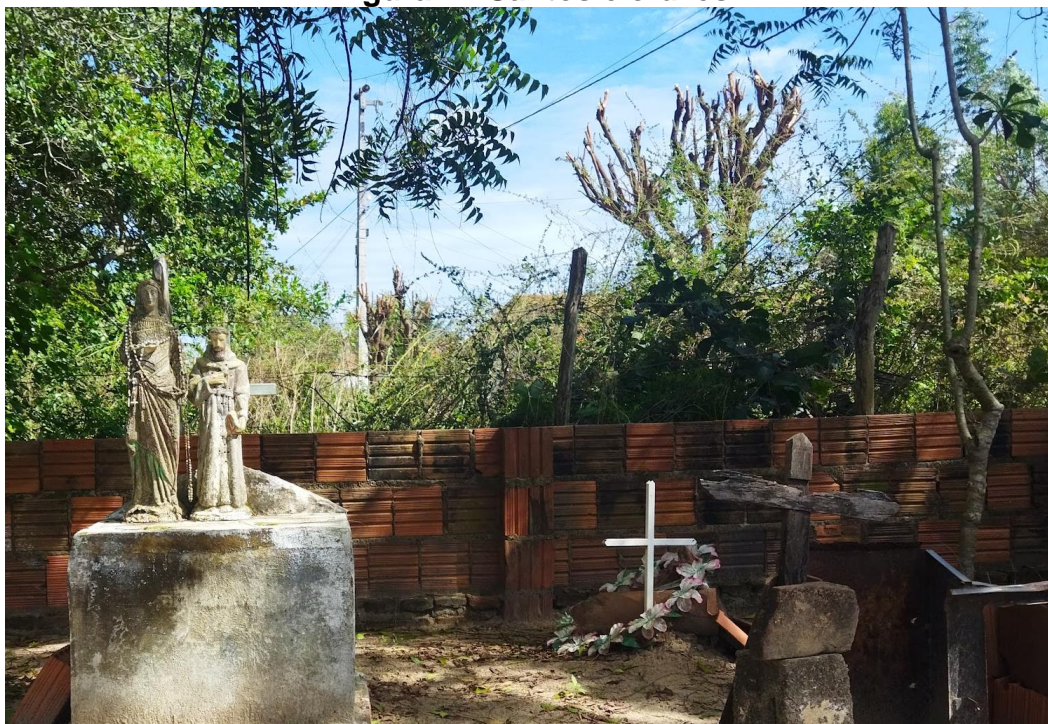
3.2. Uma tentativa de aproximação com o sagrado

O Cemitério de Anjinhos de Vereda Funda se institui como tal no ato de seu primeiro enterramento realizado em 1971 por uma das famílias locais. Dona Francisca conta que Manuel³, seu irmão, foi o primeiro a ser enterrado no espaço. Desde então, o terreno cedido por Seu Aston, dono de uma das fazendas próximas, tem servido a todos os moradores da localidade que desejam sepultar seus filhos falecidos e depositar objetos e adereços em memória dos mortos. Embora não tenha vínculo formal com a Igreja nem com a Secretaria de Infraestrutura⁴, o espaço recebe dos moradores símbolos que remetem à religião adotada por eles, o que permite aos indivíduos inumados no espaço a possibilidade de aproximação com o sagrado.

³ Manuel “nasceu morto”, diz Dona Francisca, “ele não foi batizado, não tinha nome porque não foi batizado nem registrado no cartório, mas a gente já chamava pelo nome. Eu tinha dois anos, nasci em 1969”.

⁴ A Secretaria de Infraestrutura de São Gonçalo do Amarante é a responsável pelos espaços cemiteriais situados no município. Atualmente, esta secretaria administra nove cemitérios públicos municipais ativos que pontuam os distritos e localidades de São Gonçalo do Amarante.

Figura 2 - Santos e cruzes



Fonte: Arquivo do pesquisador (2022).

A sacralização de um espaço compreende um processo que envolve a atribuição de um valor espiritual e transcendental a um determinado lugar, que passa a ser considerado como um ambiente de conexão com o divino, local de culto religioso. Cruzes e santos estão expostos em todo o espaço cemiterial. Figuram ao centro do terreno de muro baixo, sobre uma pequena construção em alvenaria, duas imagens de santos católicos: Nossa Senhora do Rosário e São Francisco. Sobre eles, os frequentadores e visitantes do local depositam rosários e terços, reafirmando sua fé nos santos e orações que possivelmente se realizam em favor das almas de seus pequenos inumados naquele espaço. A presença de objetos religiosos no espaço é um marcador da sua sacralização. Isso possibilita a aproximação entre os anjinhos e o sagrado, permitindo sua entrada no reino dos céus ou para o paraíso, como imaginado entre os cristãos católicos.

Conforme Eliade (2001), a prática de tornar um local sagrado remonta a tempos antigos, quando a religião e a espiritualidade desempenhavam um papel central na vida das comunidades humanas. Na antiguidade, templos, altares e santuários eram construídos para honrar os deuses e para servir como pontos de encontro entre os seres humanos e as divindades. Esses locais eram considerados como sagrados, e seu acesso era reservado apenas aos sacerdotes e aos iniciados nos mistérios religiosos.

Com o passar dos séculos, essa prática evoluiu e se diversificou, abrangendo uma ampla gama de tradições religiosas e culturais. Enquanto para algumas culturas, o processo de sacralização de um lugar envolve a realização de rituais e cerimônias específicas, que visam purificar e consagrar o espaço para fins religiosos, para outras, tal sacralização ocorre de forma mais espontânea, através da atribuição de um valor espiritual a determinados locais considerados especiais (Geertz, 1989).

De acordo com Turner (2014), sacralizar um lugar envolve uma série de implicações culturais e sociais. Em primeiro lugar, ele pode ser visto como uma forma de conexão com o divino, que permite aos indivíduos entrar em contato com o transcendental e o místico. Esse contato pode ser vivenciado através de rituais,

orações, meditações e outras práticas religiosas, que visam estabelecer uma ponte entre o mundo material e o mundo espiritual.

Na perspectiva de Berger (1985), o processo de sacralização de um local permite que as comunidades se unam em torno de valores religiosos e espirituais comuns. Assim, o local de enterramento de um dos membros da comunidade no ano de 1971 torna-se referência para outras inumações nos anos que se seguem. Segundo relatos de Dona Francisca, durante todo o tempo que o cemitério existe, apenas uma criança de outra localidade foi sepultada naquele campo santo.

Pais e familiares encontram nesse espaço uma forma de honrar a memória de seus pequenos e de lidar com o luto. A sacralização do espaço evidencia o desejo de salvação difundido pela religião. Considerando que os mortos não-batizados estão excluídos da possibilidade de salvação, costuma-se realizar, por um dos familiares ou membro da comunidade, um batismo simples na tentativa de evitar as condenações ocasionadas pela falta do sacramento.

Em 13 de julho de 2023, durante uma atividade no campo da pesquisa, Dona Francisca relata que os anjinhos podem ser batizados em um momento posterior ao enterramento. A atividade ocorre em vias que destoam, em muitos sentidos, do batismo formal realizado pela Igreja. *“O pessoal diz que a criança que não é batizada, chora. Quem tem coragem batiza. E eu ouvia ele chorar mesmo e eu ficava até com medo”*, nos conta a interlocutora.

O relato nos apresenta uma forma de batismo bastante distinta, o batismo dos anjinhos. O ritual ocorre em um momento de muito desespero e aflição. Dona Francisca nos conta que tinha esse negócio de as famílias batizarem os meninos, mesmo sem levar pra Igreja. A história é revelada pela interlocutora ao comunicar que *“só tem dois aí que é batizado. Eles nasceram, seu Sebastião batizou, aí os bichinhos morreram, era até gêmeo, eles”*. Seu Sebastião era *“um velhinho que morava nas Caraúbas⁵”*, ele era rezador e batizava.

“Eu sei das palavras também, só não tenho coragem”, revela Dona Francisca, indicando que no cenário do catolicismo não-oficial há uma forma de batizar sem levar o sujeito ao padre ou à Igreja. *“Qualquer pessoa que saiba das palavras e do ritual batizava”*, conta Antonia Maria e acrescenta que *“essas pessoas que eram rezadoras, elas sabiam e faziam isso”*.

“Tinha que ter coragem, né? Porque era de noite”, diz Dona Francisca. Meia noite *“é a hora que chora”*, diz Antonia Maria corroborando os fatos apresentados pela interlocutora. Ao revelar que é preciso ter coragem para realizar o ritual de batismo dos anjinhos frente às lamentações ou ao sofrimento manifestado pelo choro periódico durante as horas fechadas, as interlocutoras expõem, conseqüentemente, seu temor pelos mortos e, possivelmente, pelo que a morte representa. Os sujeitos que outrora foram seus filhos e parentes, hoje, na situação de anjinhos pagãos que assombram a comunidade com seus choros noturnos, causam pavor. Eles representam, de certa forma, ao causar desordem, um perigo para os vivos.

“Eles choram [no período correspondente aos] sete dias, sete meses e sete anos [após o enterramento] se não batizar”, afirma Dona Francisca ao recordar que *“o senhorzinho que morava ali, Seu Sebastião, enterraram perto da casa dele, aí de noite ele ouvia chorando, aí pegou e foi batizar, aí pronto, não chorou mais não”*. O choro cessa ao realizar o ritual de batismo: *“Só uma vez, se batizar, aí para de chorar”*. Dessa forma, os choros que ocorreriam nos períodos seguintes não se sucedem.

⁵ Caraúbas é uma localidade do distrito de Siupé, área litorânea de São Gonçalo do Amarante, Ceará.

O batismo dos anjinhos ocorre da seguinte forma: *“a gente pega uma bacia com água... aí a pessoa pega um ramo e vai molhando e dizendo as palavras”*. Nesse momento, Dona Francisca frisa, *“se tiver coragem, né?”*. *“Um raminho de algodão em cima da cova”* do suposto anjinho chorão. Para Antonia Maria, *“o algodão é o anjo”*. Dona Francisca explica, talvez numa tentativa de equiparar o ritual de batismo dos anjinhos ao batismo católico, que *“o padre batiza jogando a água na cabeça da criança”*.

O conhecimento sobre esta forma de batismo foi apresentado à comunidade de Vereda Funda por *“Seu Sebastião que falou, ele que batizava”*, diz Dona Francisca, ao acrescentar que *“só ouvi o choro, uma vez, [quando] morava numa casinha”* mais próxima do espaço cemiterial.

Parece que a realização do ritual de batismo dos anjinhos, por causar tanto medo aos vivos, ocorre, principalmente, para dar alívio aos vivos que deixarão de ouvir os choros dos anjinhos durante as horas fechadas (espaço de tempo próximo à meia noite) dos períodos em que há a possibilidade de os pequenos pagãos falecidos chorarem. Contudo, considerando os fatos narrados, o ritual enseja algum tipo de satisfação ao morto, ao passo que pode possibilitar sua salvação ao dar-lhe um nome, identificando-o como um filho de Deus.

4. Considerações finais

O município de São Gonçalo do Amarante, Ceará, abriga em seu território três cemitérios de anjinhos, dos quais resolvemos apresentar um. Instituído em 1971, o Cemitério de Anjinhos da Vereda Funda tem sido local de enterramento de crianças, ao longo das últimas cinco décadas, atendendo, para fins fúnebres, os moradores da localidade.

Os cemitérios de anjinhos são espaços importantes para a sociedade, pois representam uma forma de respeito e cuidado com aqueles que partiram cedo demais. Embora possam causar tristeza, é importante lembrar que esses locais também podem ser um lugar de reflexão e homenagem, ajudando a sociedade a elaborar emocionalmente o luto pela morte infantil.

O local se estabelece como tal ao se deparar com a proibição de enterrar pessoas não-batizadas nos cemitérios cristãos da época. Do ponto de vista histórico, a privação de enterramentos em cemitérios por razões religiosas é um problema complexo, atualmente sem sustentação legal, mas que, de certa forma, sobreviveu como memória de um velho tabu, que tem consequências negativas para a saúde pública e o meio ambiente. É importante questionar essas crenças e práticas e oferecer apoio emocional e espiritual aos pais enlutados, independentemente do *status* de batismo da criança. A morte de uma criança é uma tragédia e deve ser tratada com a compaixão e o respeito que merece.

A crença em anjinhos falecidos tem origens antigas na tradição cristã e é uma forma reconfortante de lidar com a perda de uma criança. A ideia de que a criança se torna um anjo pode ajudar os pais e familiares a se sentirem mais próximos de seus entes queridos e a acreditar que eles ainda estão presentes em suas vidas, de alguma forma. O batismo de anjinhos que choram se revela como uma prática inusitada entre ritos fúnebres e práticas mortuárias realizados para as crianças falecidas no sertão gonçalense, contudo, esta atividade se apresenta como um ritual vívido que contribui para a formulação de um arranjo que contribui para a aproximação do falecido com o sagrado.

Vale ressaltar que existem diferentes tipos de cemitérios de anjinhos, tanto públicos como privados, cada um com suas particularidades. Porém,

independentemente do tipo, é fundamental que esses espaços sejam bem cuidados e respeitados.

Referências

- BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. Como Juazeiro do Norte se tornou a Terra da Mãe de Deus: penitência, *ethos* de misericórdia e identidade do lugar. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 28(1), p. 146-175, 2008.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Religião no Povo**. São Paulo: Global, 2011.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ESPÍRITO SANTO, Moisés. **A religião popular portuguesa**. Lisboa: Assirio & Alvim, 1990.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GUIMARÃES, Beatriz Freire; LOPES, Gerllanny Mara de Souza; SANTOS, Juvandi de Souza; MORAES FILHO, Manoel Odorico de. De leprosa a intercessora: a Cruz da Finada Inês como protagonista das narrativas histórico-religiosas de Varjota - CE. **Revista Tarairú**, Campina Grande - PB, v. 1, n. 23. p. 1-10, 2023.
- GUIMARÃES, Beatriz Freire; LOPES, Gerllanny Mara de Souza; SANTOS, Juvandi de Souza; MORAES FILHO, Manoel Odorico de. Modos de morrer: signos fúnebres no município de Varjota, Ceará. **Revista Tarairú**, Campina Grande - PB, v. 1, n. 23. p. 1-11, 2023.
- IBGE. Cidades. Ceará. **São Gonçalo do Amarante**: Panorama. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sao-goncalo-do-amarante/panorama>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- KOLLING, Patrícia; SILVESTRI, Magno. Reflexões sobre território e terra indígena: aspectos culturais, sociais e jurídicos. **Revista Para Onde!?**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 211-226, 2019.
- MAIOR ACIDENTE ferroviário do Ceará completa 70 anos nesta sexta-feira. **Jornal O Povo**. Cidades, 17 de dezembro de 2021. Disponível para assinantes em <https://mais.opovo.com.br/jornal/cidades/2021/12/17/maior-acidente-ferroviario-do-ceara-completa-70-anos-nesta-sexta-feira.html>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- MARTINS, Raimundo Aterlane Pereira. **Das Santas almas da Barragem à Caminhada da Seca**: projetos de patrimonialização da memória do sertão central cearense (1982-2008). Fortaleza: Museu do Ceará, Secult, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, 2017.
- NEGRA, louca e venerada. **Jornal O Povo**. Santificados II, 14 de maio de 2011. Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/cadernos especiais/santificadosii/2011/05/14/noticiasjornalsantificados2,2240990/negra-louca-e-venerada.shtml>. Acesso em 12 jan. 2024.
- NEVES, Walter A. **Um esqueleto incomoda muita gente**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- PEREIRA, Antonio Renaldo Gomes. **Sede eterna**: as relações com os mortos no povoado de Almas. 2020. 103 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa Associado de Pós-graduação em Antropologia UFC/UNILAB, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

-
- SANTOS, Cícero Joaquim dos. Anjos. *In*: NASCIMENTO, Mara Regina do; DILLMANN, Mauro (Org.). **Guia didático e histórico de verbetes sobre a morte e o morrer**. Porto Alegre: Casalettras, 2022, p. 40-45.
- SANTOS, Maria Moura dos; SANTOS, Marcos Andrade Alves dos. **A Mística dos Encantados**. Trairi, CE: Editora Edições e Publicações, 2020.
- TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis, Vozes, 2012.